SERTÕES EM RESISTÊNCIA: AS RELAÇÕES HUMANAS ENTRE VEREDAS E CACAUAIS

Gabriel Augusto Wanghan da Silva
Mestrando Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida da Universidade Federal do Oeste do Pará (PPGSAQ-UFOPA). Membro do Programa de Pesquisa e Extensão Cultura, Identidade e Memória na Amazônia – PROEXT-CIMA/UFOPA.
E-mail: wanghangabriel18@gmail.com

Danielly Samara Mafra Pereira
Mestre do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida da Universidade Federal do Oeste do Pará (PPGSAQ-UFOPA). Membro do Programa de Pesquisa e Extensão Cultura, Identidade e Memória na Amazônia – PROEXT-CIMA/UFOPA.
E-mail: ls6699470@gmail.com

Itamar Rodrigues Paulino
Doutor em Teoria Literária pela UnB, professor e pesquisador na Universidade Federal do Oeste do Pará, coordenador do Programa de Pesquisa e Extensão Cultura, Identidade e Memória na Amazônia (CIMA) e do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida (PPGSAQ), ambos da UFOPA.
E-mail: itasophos@gmail.com

DOI: 10.56372/desleituras.v14i14.211

Resumo: O presente capítulo oferece uma análise rica e multifacetada da Amazônia, indo além da visão colonial de um território inexplorado e selvagem. Utilizou-se uma abordagem interdisciplinar, entrelaçando a história do cacau como droga do sertão com a literatura de Guimarães Rosa e Inglês de Souza e, essa fusão de elementos históricos e literários revela a região como um espaço de resistência e negociação, onde os povos nativos e ribeirinhos desempenharam papéis de destaque. A análise se aprofunda ao conectar essas realidades históricas com a literatura, tecendo um paralelo entre o sertão amazônico e o sertão nordestino. O texto então se concentra em *O cacaulista*, de Inglês de Souza, um romance que utiliza as plantações de cacau para expor as tensões sociais, a exploração e a resistência dos povos ribeirinhos no século XIX. Através da história e da literatura, revela-se uma Amazônia de intensa luta, resiliência e profundidade, onde a natureza e as pessoas estão intrinsecamente conectadas.
Palavras-chave: Literatura. *O cacaulista*. Inglês de Souza. Amazônia. Relações Humanas.

Abstract: This chapter offers a rich and multifaceted analysis of the Amazon, going beyond the colonial view of an unexplored and wild territory. An interdisciplinary approach was used, interweaving the history of cocoa as a drug of the sertão with the literature of Guimarães Rosa and Inglês de Souza. This fusion of historical and literary elements reveals the region as a space of resistance and negotiation, where native and riverine peoples played prominent roles. The analysis deepens by connecting these historical realities with literature, drawing a parallel between the Amazonian sertão and thenortheastern sertão. The text then focuses on Inglês de Souza *O Cacaulista*, a novel that uses cocoa plantations to expose the social tensions, exploitation, and resistance of riverine peoples in the 19th century. Through history and literature, an Amazon of intense struggle, resilience, and depth is revealed, where nature and people are intrinsically connected.
Keywords: Cocoa. Literature. *O cacaulista.* Resistance. Amazon. Human Relations.

INTRODUÇÃO

As reflexões que compartilharemos aqui, têm raízes profundas no coração denso da floresta amazônica onde o verde se fecha como um teto natural e onde o sol não penetra mesmo nas horas de maior calma, sempre há algum frescor. Em um ambiente repleto de terras encharcadas e alagadas em certo período do ano, seguido por temporadas de estiagem ao ritmo das maresias e das cheias dos rios se tornam ruas para idas e vindas de canoas onde o silêncio da mata é quebrado pelo canto dos pássaros ou pelo som abafado do pisar dos coletores de *caa-caú-uá*.

Esses indivíduos, coletores de matéria-prima se organizaram e se adaptaram, criando alianças por meio de interesses estabelecidos dentro das relações sociais de negociações. Muitos nativos atuavam como lideranças para mediação do extrativismo sistemático (Bonillo, 2024), por terem conhecimento profundo sobre e da Amazônia, e a noção de resistência identificada neste processo colonial de drogas do sertão será ampliada para a capacidade de preservar modos de vida, territorialidades e negociar os espaços e interesses de poder frente às imposições coloniais. Assim, o autor nos convida a romper narrativas tradicionais que tratam estas populações apenas como passivas e selvagens.

Desse modo, este trabalho propõe uma reflexão a respeito do cacau como *droga do sertão* a partir dos séculos XVI e XVII, e articulado a este produto às representações literárias *Grande Sertão: Veredas* do autor Guimarães Rosa e *O Cacaulista* de Inglês de Souza que transcendem no século XIX e XX. A partir deste mosaico, se busca analisar como as relações sociais, econômi-

cas e culturais na Amazônia foram palco de resistências e culturalidades. Essa junção de elementos históricos e literários nos possibilitará uma compreensão sobre as relações humanas mediadas pelo uso da terra e também nos mostrará como os sertões, cada qual à sua maneira, foram cenários de disputas, alianças e transformações.

O IMAGINÁRIO DO SERTÃO

Para muitos viajantes, o sertão amazônico era uma terra de selvagens e ao mesmo tempo, repleta de riquezas naturais. Para os povos originários, um lugar de conhecimentos, de caminhos e aspirações, subvertendo as antigas histórias oficiais documentadas pelos colonizadores e naturalistas e dando novo ressignificado ao passado que segundo Neves (2011, p. 38), "o conhecimento sobre o Brasil dos séculos XVI e XVII decorre de textos de viajantes que aqui estiveram e os apresentaram de diferentes maneiras, discorrendo principalmente sobre a presença do maravilhoso, sobrenatural, mágico e do encantado" território *descoberto*.

No cerne dessa literatura de viagem a partir da descoberta da América, está o desejo de explorar as fantasias do Novo Mundo (Neves, 2011). Neste sentido, o que se esperava dos mitos e lendas que fizeram parte de uma atualização do imaginário da Antiguidade e Idade Média, era que representassem uma das motivações para as longas jornadas durante séculos até o desconhecido. Na obra de Jean de Léry, podemos visualizar como esse imaginário se manifestou.



Figura 1 - Demônios aterrorizando os índios.
Fonte: LÉRY (1961, p.197).

Autor francês calvanista e viajante, Jean de Léry em 1558 faz sua viagem para o Brasil. Muito influenciado pela mentalidade medieval expressada a partir desta obra, percebemos a existência do imaginário fantástico encontrado no Novo Mundo (Pinto, 2013).

Neste sentido, Neves (2011, p. 55) enfatiza a esperança desse imaginário sobre as novas terras recepcionando "que muitas viagens tiveram como motivação uma crença ou um mito", ou seja, não podemos abrir mão dessas perspectivas que colocam o interesse do europeu não somente voltado para o viés econômico da descoberta, mas também a partir de uma motivação relacionada ao fantástico, o místico idealizados em um ambiente até então desconhecido, desconsiderando as relações humanas e também sua relação com a Floresta.

Correlacionado a este viés fantasioso e aventureiro que motivava os viajantes europeus, também existia outro fator importante: a busca constante por tudo que o sertão dentro de uma Amazônia poderia proporcionar. Essa procura grandiosa e duradoura, fazia parte de um sistema econômico que interligava pequenos lagos a rios imensos e destes rios a portos ultramarinos. Uma casca

de árvore transformada em remédio, sementes usadas para tingir tecidos, frutos convertidos em especiarias – tudo era transportado nos ombros, em canoas e batelões, percorrendo vastas distâncias e também superando o conhecimento do branco. Não se tratava apenas de uma simples coleta, mas de um mergulho profundo em um ambiente denso e perigoso, que desafiava a resistência física e a coragem de quem se aventurava pelos sertões, tendo nessa empreitada os indígenas e os expertises sobre a floresta Amazônica (Pompeu, 2022).

Desse modo, é impossível não refletir sobre os sujeitos que realizavam este feito, detentores de saberes ancestrais transmitidos de geração em geração que conheciam os caminhos entre rios e florestas, os ciclos das plantas, os mistérios da mata e as estações de secas e cheias dos rios. Estes enfrentavam uma dura realidade de viagens por longos períodos navegando pelos rios em canoas, e encontravam jeitos de negociar sua presença nas expedições quando assim era possível. As canoas, também conhecidas como *montarias*, eram embarcações muito utilizadas nos rios da região amazônica, fabricadas com madeira resistente da própria floresta assim como o remo, ferramenta que impulsiona manualmente o deslocamento da canoa.

Sobre a "*montaria* – uma esplêndida tradução antropogeográfica do veículo feito pelo caminho. Uma economia doméstica, cerrada, de insatisfação de suas necessidades. Sem estímulos, nem reações violentas" (Benchimol, 1977, p. 173). Seguindo esta linha de raciocínio, Loureiro (2007 p. 173) complementa essa análise destacando que "a navegação era o único meio de transporte existente e indispensável à sobrevivência das populações", por isso, seria tão necessário a presença dos

indígenas em todas as expedições de coleta das drogas do sertão.

Esse protagonismo indígena, estudado por Pompeu (2023), demonstra uma força de trabalho especializada em conhecimentos naturais sobre os rios, trilhas, pontos de coleta e os ciclos das plantas. Sem este vasto conhecimento as expedições teriam facilmente insucesso. Em *A economia das drogas do sertão na Amazônia colonial*, de André José Santos Pompeu (2023), descreve de maneira rica como era realizada toda a organização e mobilização dos sujeitos que participariam das expedições de forma muito estruturada com etapas e funções bem definidas entre os indivíduos. O autor ainda propõe no cerne dessa questão, que havia coerção, exploração e imposição colonial sobre os indígenas, mas também existiam acordos e formas de parcerias que permitiam a permanência dos indígenas no período de coleta, garantindo sucesso na expedição.

> Precisamos ir além dessa noção de violência, para entendermos que existe uma relação de parceria, de concessões e negociação, que permitia que esses indígenas envolvidos nessa atividade continuassem trabalhando, além de garantir que as expedições saiam e, também, terminavam voltando com esses índios (Pompeu, 2023, p. 26).

Corroborando a essa análise relacionada aos interesses e formas de participação indígena, Chambouleyron (2013) apresenta esses indivíduos como atores políticos e estratégicos para a garantia de manutenção da coleta e navegação dos rios, levando em consideração principalmente o produto cacau como uma das principais especiarias do sertão durante o período colonial analisado em seu texto. Essa *commodity* é originalmente

nativa da região amazônica e incorporada à economia, e posteriormente passa a ser cultivada de forma mais sistemática em áreas próximas aos rios em região de várzea.

O CACAU COMO DROGA DO SERTÃO

Em seu estado natural de produção no sertão amazônico, o cacau 'bravo' não apresentava todos os elementos agradáveis ao paladar do comprador europeu, assim sendo, surgiu a necessidade de incorporar novos plantios desse fruto, gerando assim, o cacau 'manso'. Essa relação do plantio tornou-se interessante para coroa portuguesa, principalmente pelas condições ambientais favoráveis a esse cultivo especializado e, portanto, o cultivo deste produto passara por transformações graduais e ampliando seu aspecto econômico para a região e atendendo às expectativas de exportação.

O cacau, uma palavra indígena derivada da família linguística Tupi-Guarani. A palavra original, em tupi, é "*caa-caú-uá*" ou "*cacáua*", significa 'fruto que cresce nas várzeas úmidas' ou 'fruto que cresce em locais alagadiços'. O fruto se destacava entre as demais especiarias, pois crescia nas várzeas úmidas, adaptado às regiões de alagamento e frutificando no tempo certo. Os indígenas e posteriormente, os povos tradicionais detentores também do conhecimento natural, ampliavam as redes de compartilhamento e trocas de mercadorias (Rodrigues, 1982). Essa compreensão especializada dava ao coletor do sertão a possibilidade de identificar pontos de coleta, guiar as canoas e compreender os ciclos dos frutos, vivendo o protagonismo identificado também na literatura de Inglês de Souza, que percebe esse fluxo em paralelo

com as relações de poder no sertão amazônico envolvendo além da presença indígena e das existências ribeirinhas em seus atos narrativos, assim como o romance *Grande Sertão: Veredas*, que transcende a resistência, sobrevivência e alianças no sertão nordestino por meio das relações internalizadas nesta região.

Corroborando com esta análise antes da entrada do tipo 'cacau manso', Rosário (1986, p. 54), pontua que "quando os colonizadores portugueses chegaram ao Pará, em torno de 1616, o este fruto já crescia no Pará, em estado nativo e era colhido pelos silvícolas", mais este cacau cultivado não correspondeu às expectativas da Coroa, de forma que o cultivo do chamado 'cacau manso' se dá a partir de 1677, por ordem régia. De acordo com Rodrigues (1982, p. 412), " em 1730 já existiam no Pará cerca de um milhão e meio de pés de cacau cultivados, em 1749 os maiores cacauais eram o real de Vila Franca e Carapajó, situado na região do Baixo Tocantins". Assim, estamos certos de que havia um interesse no cultivo desta droga do sertão que Rosário (1986) justifica a possibilidade do

> [...] consumo do cacau expandir-se no século XVII na Europa, nas colônias inglesas da América, bem como nas possessões hispano-americanas, figurando o chocolate, como produto fino, paralelamente ao café e ao chá. Daí todo incentivo à produção nas áreas de vocação ecológica para o produto (Rosário, 1986, p. 56).

Outro aspecto importante que podemos ressaltar nesta escrita sobre a importância das drogas do sertão, é a sua utilização como como moeda natural. Neste entender, Dias (2023) posiciona que,

> Apesar de o algodão ter predominado como moeda durante bastante tempo, outros produtos podiam assumir a mesma função: os gêneros comerciáveis no Estado tinham essa dupla característica de serem mercadorias e, também, moedas: cravo, cacau, salsa, depois também café. Igualmente, as mercadorias básicas de consumo interno, como o tabaco, a farinha, o peixe e a aguardente exerciam o papel de moeda (Dias, 2023, p. 94).

Aqui torna-se mais alusiva uma economia marcada pelo extrativismo organizado por meio das expedições, o que a autora retrata como "tropas do sertão" (Dias, 2023, p. 91). Esses itens naturais, funcionavam também como moeda corrente, especialmente para o pagamento dos indígenas organizados em postos de atividades dentro da coleta. Com relação a esta organização, retornaremos ao aporte de Pompeu (2013), na descrição das funções e organização das viagens pelo sertão durante as expedições:

> A atividade de coleta das drogas do sertão era eminentemente indígena, sendo que a grande maioria dos homens empregados nas canoas eram índios. As fontes variam em relação a quantidade de indígenas utilizados nas canoas, por exemplo, o jesuíta João Daniel indica a presença de 40 a 50 índios em uma canoa [...]. Enquanto isso, a consulta do Conselho Ultramarino a qual me referi a pouco, indica que eram necessários entre 20 e 25 índios em uma canoa. Em uma ata da junta extraordinária do Estado do Grão-Pará, o governador Manuel Bernardo de Melo e Castro indica que o Estado tinha apenas 12 índios para o serviço das canoas e que havia a ideia de se aumentar esse número para 20 índios (Pompeu, 2013, p. 205).

Diante disso, nota-se a complexa logística e montagem de viagem para os sertões amazônicos. Era preciso uma rede muito complexa de negociação para propor uma viagem, iniciando pela definição do tamanho da embarcação, a composição da tripulação e o planeja-

mento de abastecimento para a viagem. Pompeu (2013) pontua esse processo demonstrando uma rede de interesses pela busca de especiarias e também a organização das compras, vendas e todas as negociações entre organizações de portugueses, índios e mestiços para adentrar aos sertões amazônicos e posteriormente, o comércio.

Os colonizadores denominaram esses produtos de *drogas do sertão*. Na época, a palavra 'droga' não possuía a conotação que tem nos dias atuais. Significava especiaria, mercadoria valiosa e o termo 'sertão' era tudo que se estendia além do alcance da cidade, um território remoto, profundo e de difícil acesso. Na região amazônica, essas drogas incluíam o cacau, a salsaparrilha, o urucum, o cravo, a canela, entre outros. Mercadorias que partiam do interior de cidades amazônicas, depois por Belém e seguiam pelo Atlântico até Lisboa, impulsionando o comércio ultramarino português (Chambouleyron, 2013).

Contudo, a escrita sobre as *drogas do sertão* não se utiliza somente do viés econômico. Cada fardo de cacau ou feixe de raízes carrega consigo uma teia complexa de relações, uniões, desavenças e interesses. Mercados floresciam nas margens fluviais, onde selavam-se acordos discretos, rotas e áreas de coleta eram disputadas, e culturas se fundem em trocas de conhecimentos entre povos indígenas e posteriormente africanos. O valor dessas especiarias transcendia o ganho financeiro, moldando as redes sociais, culturais e econômicas que as envolviam.

Bonillo (2024) discorre sobre uma resistência multifacetada dos povos originários, contrariando a visão tradicional, havendo a necessidade em analisar essas populações a partir de um viés adaptável e estratégico, mediante negociações e alianças, fortalecendo seus proces-

sos de resistências no território dominado por potências espanholas, portuguesas, holandesas e francesas, assim criando novos espaços e novas alianças.

Evocar as *drogas do sertão* é falar muito além de simples produtos, é narrar um fragmento da existência amazônica, de um período em que a selva era simultaneamente fonte de sustento, cárcere, abrigo e limite. É descrever um contexto onde cada coleta representava um gesto de resistência silenciosa ou pura sobrevivência, e onde cada item continha não apenas o aroma e a tonalidade da floresta, mas também a assinatura das mãos que o produziram e como os cacauais serviam como fonte de apoio à existência do povo amazônida no sertão amazônico.

A LITERATURA E AS RELAÇÕES HUMANAS NO SERTÃO AMAZÔNICO

"República das aves e das águas", "Jardim da Criação" ou "Jardim das Delícias", "Seara do Mundo", "Reino estranho", "Rincões da Amazônia", "Paraíso Perdido" e "Novo Mundo" (Carneiro, 2020; Fiuza, Júnior e Paulino, 2021). Essas são algumas das nomenclaturas metaforizadas no viés documental e literário que designaram uma Amazônia farta, imprevisível, inóspita, abandonada às vistas de uma expedição aportada à costa de um território batizado com o nome da árvore Pau-brasil, espécie explorada e abundante em terras verdes do século XV e que abriram espaços para que as primeiras literaturas a partir dos diários de viagem e posteriormente relatos científicos, pudessem mostrar ao mundo a região vista pela ótica invasora.

Na literatura nacional, a Amazônia começa a sua reconstrução na metade do século XIX quando autores

brasileiros amazônidas viram a região para além das perspectivas eurocêntricas impregnadas que dominavam a literatura tradicional. Neste sentido, teceu-se um trabalho árduo em desconstruir um modelo literário influenciado por correntes estrangeiras que adentraram o Brasil, bem como retratar a relação humana existente no sertão amazônico.

Esse sertão amazônico, rico em biodiversidade e em recursos naturais, serviu de base econômica para a Europa manter seus alicerces de poder colonizador alastrando na Amazônia como também em outras partes do Brasil, invasão de territórios, dizimação e coerção de povos originários e exploração dos recursos que eram retirados à força da terra e levados à preço descomedido para manter o comércio externo. Esse cenário impactou diretamente nas relações sociais e de trabalho na região pois, essa prosperidade econômica demandava de uma estrutura social desigual, onde a força de trabalho nas plantações era exigida dos povos indígenas, africanos e tapuyos viventes em localidades ribeirinhas e habitantes vindos de outras regiões do Brasil.

A literatura nessa região emerge de uma complexidade de relações étnicas efervescentes em meio à exploração europeia e à coleta das drogas existentes, esta última como fonte vital das relações comerciais entre a Europa e seu fluxo econômico. Contextualizando o sertão, as regiões Norte e Nordeste – embora geograficamente distintas e representadas como o interior isolado do país, compartilham riquezas culturais junto às efervescências humanas marcadas pela resistência e sobrevivência, diante dos modelos sociais impostos desde o período colonizador.

Não é por menos que as temáticas de conflitos envolvidas nessas duas regiões pudessem servir de inspirações literárias, como uma oportunidade de desvelar as realidades locais entremeadas à ficção. De acordo com Aguiar e Silva (1968, p. 225), o "gênero literário representa o homem e o mundo através de uma técnica e de uma estilística próprias, intimamente conjugadas com a respectiva visão do mundo". A literatura dá ao imaginário uma realidade capaz de mostrar os fatos constantes que a existência humana enfrenta e tece sua história, permitindo que sua veracidade seja apresentada com detalhes as experiências vividas rumo à uma compreensão de suas lutas e identidades.

Citamos como exemplo Guimarães Rosa em seu romance *Grande Sertão: Veredas* (1956), como espaço de luta e resistência em meio à natureza. Bolle (2002) delineia o romance sertanejo como um grande retrato do Brasil, representando a elite e o povo. O autor conceitua sobre o "Grande Sertão: a grandiloqüência dos donos do poder, sempre no alto; em oposição, no raso das veredas, a fala humilde do povo" (Bolle, 2002, p. 353), demonstra de forma clara por meio da narração de um personagem e pelo seu discurso de fala, como a sociedade local externava a relação social e política da época do romance. Segundo Bolle,

> Sobre a base do romance, constituída pela situação narrativa – um fazendeiro chefe de jagunços contando sua história a um interlocutor urbano – são montadas determinadas camadas de falas, que representam os conflitos sociais e políticos em forma de conflitos entre discursos. Estes correspondem a forças atuantes na história brasileira, sendo o narrador rosiano essencialmente um comentarista de discursos (Bolle, 2002, p. 353).

O sertão apresentado por Guimarães Rosa, mostra todos os mosaicos existentes na região brasileira, os dilemas vividos pelos personagens, suas reflexões e seus regionalismos, posicionando-os frente ao poder imposto em que os personagens enfrentam à luz dos diferentes níveis. Veredas é usado pelo escritor como eixos metafóricos simbolizando caminhos e direções que os personagens constroem e seguem de acordo com as experiências tecidas no romance, bem como os conflitos internos e externos que devem ser concertados ao longo das jornadas. Bolle (2002, p. 355) reconhece que "a sociedade sertaneja é apresentada por Guimarães Rosa por meio de uma ordem labiríntica, com centenas de retratos de pessoas, espalhados por toda a extensão do romance, numa quantidade enciclopédica de informações."

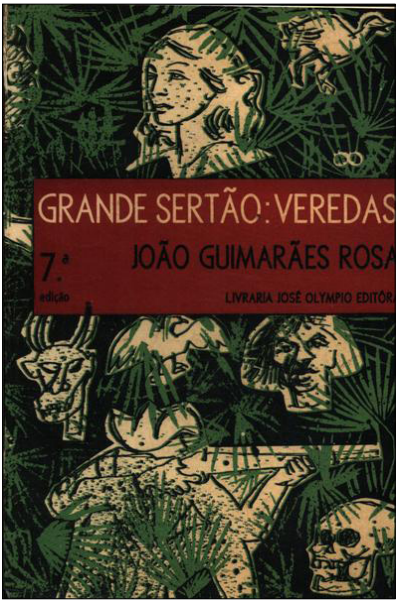

Figura 2 - Capa do livro *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.

Como bem observa Lima Oliveira (2019, p. 25), "Guimarães Rosa quando escolhe o sertão o faz considerando que no espaço sertanejo as divergências sociais individuais e coletivas podem ser facilmente abordadas, pois trata-se de um cenário árido e exposto", não distanciando que o diálogo narrativo possa ser representado por qualquer outro espaço, dando profundidade ao que Guimarães Rosa trata que o " [...] Sertão está em toda parte" (Rosa, 1994, p. 4).

Um sertão presente na escrita, na linguagem, na identidade cultural, na existência humana, na relação individual e social que, mesmo enraizado na aridez, este se revela presente e resiliente frente aos conflitos e condições do povo sertanejo. Deste modo, concordamos com Rosenfield (2006, p. 89) em que "certamente não é por acaso que Rosa escolhe o mundo sertanejo, o tema do pacto como veículos para a fusão de elementos vivos da cultura brasileira". Assim como Guimarães Rosa tenha escrito sobre o sertão nordestino, sua estética literária pode ser aplicada ao sertão amazônico, principalmente ao que diz respeito à relação humana e as divergências enfrentadas pelos povos da Floresta.

Voltemos um século antes. A Amazônia do século XIX, era uma vasta e exuberante região, vista como um armazém destinado à exploração e exportação para a Europa. O Pará, em particular, emergia como um importante centro comercial, impulsionado pela produção crescente de cacau, tornando-se um importante produto de grande relevância nas exportações. Os trabalhos de coleta das drogas do sertão amazônico empreendiam tanto o povo da região como também o homem sertanejo, o qual Pompeu (2024) define como sujeito que adentrava junto às expedições na coleta das drogas do sertão, vivendo na maior

parte de sua vida no interior do sertão e assim, sua experiência o fazia utilitário no sertão amazônico.

A dinâmica da exploração neste sertão apropriou-se de um espaço com suas qualidades e características próprias e transformando em lucro imediato por meio de uma exploração desordenada, causando danos irreversíveis ao ecossistema amazônico, levando o deslocamento de populações originárias e tradicionais de seus solos. Ao contrário de minimizar essa parte da nossa História, a herança colonial exploradora continua a reverberar na sociedade por meio de práticas econômicas contemporâneas distanciando a construção de um meio ambiente sustentável.

Neste cenário econômico, a região passou a ser escrita como parte da literatura de diversos escritores que a usaram como manifesto em seus estilos literários e trouxeram como proposta de enredos as suas defesas em favor do ser social, transformando sua existência em universalidades plausíveis e capazes de considerar a diversidade dessas experiências humanas.

Entre esses escritores, citamos Herculano Marcos Inglêz de Souza (1853-1818), escritor nascido no município de Óbidos no Estado do Pará que, com curta produção literária – quatro romances e uma coletânea de contos, conseguiu desmistificar a visão eurocêntrica impregnada sobre a região amazônica. *Inglêz de Souza*, sobrenome que usou para publicar suas narrativas literárias, fez parte de um elenco de autores romancistas do século XIX que influenciou a Literatura de Expressão Amazônida e também Nacional, sendo o introdutor do Naturalismo brasileiro, usando sua terra natal, a Amazônia, como palco central de sua tessitura.

A Amazônia tornou-se um cenário farto para a tessitura literária ingleziana e assim, foi para encontrar características e apresentar a dinâmica social existente no sertão amazônico que optamos, dentre os enredos romanescos de Souza, por *O Cacaulista* publicado em 1876 e assim, conforme nossa investigação, faremos a inserção de fragmentos do romance para que se permita uma percepção mais fiel de nossa análise.

O ato narrativo se passa em 1866 no Paranameri de cima ou Paraná de Maria Tereza. A região ribeirinha era abundante em florestas e habitadas por propriedades cercadas de suas plantações. O cacau era uma especialidade que fomentava o comércio interno e externo na região do Baixo Amazonas, gerando lucro e movendo a economia e a sociedade amazônida. O ciclo dessa droga do sertão amazônico foi parte dos cenários do romance escolhido, mesmo sendo cultivado para coleta comercial, o escritor usa o cacau como uma maneira de representar as relações humanas e seus conflitos, como parte principal das localidades de ribeira e como abrigo para o ecossistema.

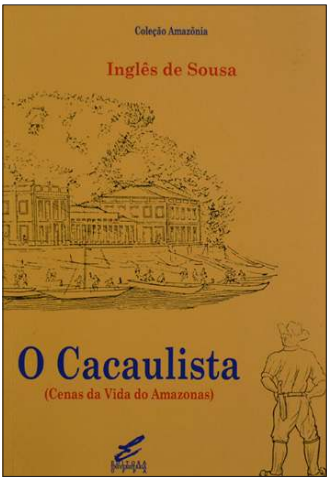

Figura 3 - Capa do livro O Cacaulista, de Inglês de Sousa, na edição da Coleção Cenas da Vida do Amazonas

O romance *O Cacaulista* apresenta uma Amazônia conduzida pelo poderio fundiário por parte de alguns habitantes e a pressão sobre os povos ribeirinhos, e como estes habitantes usufruíam da natureza mantendo suas extensas plantações e apropriando-se de terras alheias na região, gerando conflitos entre personagens no romance, perpetuando assim o ciclo de exploração, desigualdade racial e econômica.

Por meio do romance, destacamos as plantações de cacau nas áreas rurais de Óbidos ou "a floresta dos cacaueiros" conforme Inglêz de Souza, como principal fonte econômica do período e como este buscou visibilizar a dinâmica da Amazônia com relação à existência desses personagens ao entorno dos conflitos existentes nos sítios ribeirinhos com relação ao chão amazônida.

O escritor coloca o território/ sertão amazônico como o palco das tensões sociais, colocando os ribeirinhos em posições vulneráveis na luta da preservação de seus direitos sobre a terra, seus modos de vida diante das pressões externas exacerbadas pela influência social que busca burlar os direitos e a legalidade, e também como podem lidar com disputas amorosas e como tais questões influenciam as tensões fundiárias. Como descreve Souza (1973):

> Miguel, depois de ter espreitado por algum tempo, afastou com as mãos alguns ramos de árvores, e ia falar às duas mulheres quando deparou com o tenente em pé, há vinte passos de distância dele, encostado a um cacaueiro, com um terçado na mão, e fitando-o com aqueles olhos, cheios de um brilho vivo, que mais de uma vez lhe fizera abaixar os seus. O rapaz ficou a princípio sem saber o que fazer, mas logo reassumindo a sua presença de espírito, que o orgulho trazia em seu auxílio, pôs-se a caminhar direto ao dono do sítio. Este, vendo que o rapaz se dirigia para o seu lado, começou a assobiar de

> um certo modo e os cães de guarda se lançaram furiosamente sobre o moço, que mal teve tempo de abrigar-se do primeiro choque, subindo a uma árvore (Souza, 1973, p. 122).

Paulino (2014, p. 100) enfatiza que "há um espírito agressivo de soluções radicais, possuído do espírito lógico, dirigido ao seu objeto e só a ele", e as tramas no interior da Amazônia trazem à tona essa singularidade na dinâmica do cacau. Inglês de Souza ao tecer sua estética literária, nos leva a conhecer o interior dos cacauais, "onde o sol não penetra e onde mesmo nas horas de maior calma sempre há algum fresco. Assim, quando se sabe da área, onde está a casa, e onde a claridade é vivíssima e o calor intenso, e se entra no cacaual, sente-se uma mudança grande, mas agradável" (Souza, 1973, p. 13).

Nessa ótica, o cacaual é tido como um espaço de tranquilidade do habitante amazônida, ainda que a plantação seja alocada como forma de subsistência como parte única do ambiente de sítios e fazendas ribeirinhos, o cacaual reflete a melhora na vida pacata do interior amazônico e como a plantação limita-se a outros elementos naturais, como expõe o narrador: "perto da casa, o mato parecia espesso e bravo, e parecia acabar ali a comunicação entre os cacauais" (Souza, 1973, p. 101).

Além da calmaria e tranquilidade dos cacauais, o narrador revela outra percepção destas árvores, dependendo do clima em que os personagens são inseridos no enredo. Sendo assim, no romance Inglêz de Souza mostra a outra face da plantação:

> Era uma noite escura; Miguel internara-se pelo cacaual e caminhava silencioso; a luz vacilante do archote apenas clareava alguns passos adiante dele; as aves adormecidas nos galhos das árvores fugiam espavoridas à sua aproximação; por vezes

> o agudo sibilar das cobras e o uivo longínquo da onça faziam-no apressar o passo: apesar de sua coragem, Miguel não tinha diferença do tapuio (Souza, 1973, p. 27).

O cacau, em sua plantação e ciclo dentro do interior amazônico, torna-se assim um marco nas relações humanas que permeiam a vida nas comunidades e como fonte de proteção e abrigo às determinadas formas de vida animal em meio aos sons que esta mesma vida anuncia. Na noite escura, a plantação do cacau se torna um labirinto em que o personagem ao caminhar pelo espaço, observa que este também é uma fonte de perigos. Como parte intrínseca das propriedades rurais de Óbidos, o autor retrata ainda que "o sombrio cacaual comunicava o sítio com as outras propriedades vizinhas, e por trás da casa uma lagoa de agua negra, criada por um braço do Amazonas, e cercada de aningais cerrados, formava o fundo do quadro" (Souza, 1973, p. 1).

Inglêz de Souza insere n'*O Cacaulista* sua função de fornecer elementos essenciais para o cotidiano dos habitantes da Amazônia, assim o narrador descreve que "[...] os moleques corriam pelo cacaual à procura de ramos secos que deviam alimentar a fogueira que se tinha de fazer no terreiro, onde os escravos haviam obtido permissão de dançar" (Souza, 1973, p. 47). O escritor ingleziano traz ainda em sua escrita, o processo escravista dentro do sertão amazônico, onde a existência e submissão do africano eram quase inexistentes nos relatos históricos da época, e a força braçal africana estava presente nos diversos ramos econômicos do sertão amazônico (Barros; Paulino, 2020).

A busca feita entre os pés de cacau reforça mais ainda a importância deste para a rotina ribeirinha, da

mesma forma que o cacaual é utilizado como local propício para debates e resoluções de conflitos: "no dia do encontro do tenente com o padre no cacaual" (Souza, 1973, p. 75). Neste sentido, Souza ainda demonstra que o cacau também serve de cenário romântico para encontros de dois jovens em meio às plantações, onde a inocência destes se transforma em momentos alegres, de carinho e cumplicidade. Conforme Souza (1973):

> Por diversas vezes tentara o rapaz ir à casa do tenente a ver se falava com a Rita, mas o Ribeiro parecia que adivinhava o seu intento, porque não arredava o pé da varanda. Miguel punha a espingarda ao ombro e metia-se pelo cacaual com o fim, dizia, de matar alguns papagaios que estragavam o cacaual; mas só o que queria era ver se lhe era possível encontrar trepada em alguma árvore, como dantes lhe acontecia (Souza, 1973, p. 122).

Assim, o cacau revela-se por meio da literatura romanesca não apenas como uma produção e mercadoria comercial, mas como parte essencial do cenário que compõe o romance analisado. Os cacauais, situados ao lado dos sítios e fazendas, se tornam acessíveis integrando a economia à vida familiar e como meio onde os diversos tipos de relação humana se constroem permitindo assim, diálogos e reconciliações, reforçando a ideia de que o elemento mediador das relações sociais é o cacau amazônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao articularmos história e literatura, percebemos que o sertão se torna um espaço simbólico de disputas, alianças e de resistência. A *droga do sertão* - o cacau,

constitui-se para além de uma simples mercadoria valiosa: é símbolo amazônico que integrou redes de comércio de trocas e negociações que transformaram a economia e a cultura dos sertões. Por isso, suscitamos essa análise para muito além de um simples produto. Aqui procuramos resgatar fragmentos da vida amazônica, onde nos sertões se constroem, se negociam e se transformam o território.

O cacau amazônico é história e memória do povo amazônida, em sua internalidade, e assim, observamos como as sobrevivências estão interligadas à fruta. O romance escolhido mostra como os cacauais se posicionam com elementos essenciais aos modos de vida da região ribeirinha em seus variados contextos. Entender que a economia da região dependia da coleta do cacau, só reforça a compreensão de que habitantes locais mantinham suas experiências e vivências em harmonia com a natureza, ainda que a História construída sobre o sertão amazônico tenha sida escrita revelando opressão, exploração e obrigação, as memórias e narrativas que um escritor amazônida apresenta ao público leitor são documentos sociológicos que refletem os modos de vida local.

Assim, ao debruçarmos diante dos sertões brasileiros e a influência dos recursos naturais no enredo, somos levados a um reconhecimento da importância do produto como elo entre resistência e identidade. O cacau amazônico, tanto na História quanto na Literatura, não recebe apenas o valor econômico, mas traz como ponto de partida toda a resiliência e detalhes culturais do sertão amazônico. A compreensão tecida nesse estudo nos convida a valorizar as vozes a história que nos permitem um conhecimento sobre a produção do cacau amazônico, instigando um olhar atento sobre a realidade do povo do sertão amazônico.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 1968.

BARROS, Eloísa. A.; PAULINO, Itamar. R. Memória coletiva e afirmação identitária: entre invenções e desinvenções da história afroamazônica. *Kwanissa*, São Luís, n. 6, p. 102-117, jul/dez, 2020.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia:* um pouco-antes e além-depois, Manaus: Editora Umberto Calderaro, 1977.

BOLLE, Willi. Representação do povo e invenção de linguagem em Grande Sertão: Veredas. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 352–366, 1º sem. 2002. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/12413. Acesso em: 6 ago. 2025.

BONILLO, Pablo Ibáñez. Resistencias y territorialidades indígenas en las fronteras de la Amazonía ibérica a mediados del siglo XVIII. *Fronteras de la Historia*, Bogotá, v. 29, n. 2, p. 140–169, jul./dez. 2024. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2027-46882024000200140. Acesso em: 14 ago. 2025.

CHAMBOULEYRON, Rafael. A prática dos sertões na Amazônia Colonial (século XVII). *Outros Tempos*, v. 10, n. 15, 2013. ISSN 1808-8031. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/256. Acesso em: 9 ago. 2025.

DIAS, Camila Loureiro. *Produção agrícola e extrativismo:* as drogas do sertão e a Amazônia Colonial Portuguesa. CHAMBOULEYRON, Rafael. Centro de História da Universidade de Lisboa, 2023.

LIMA OLIVEIRA, R. L. Grande Sertão: Veredas: o retrato alegórico do Brasil. ***Revista de Ciências Humanas***, Viçosa, v. 19, n. 1, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/9194. Acesso em: 9 ago. 2025.

LOUREIRO, Antonio José Souto. *O Amazonas na época imperial*. 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2007.

NEVES, Auricléa Oliveira das. *A Amazônia na visão dos viajantes dos séculos XVI e XVII:* percurso e discurso. Manaus: Editora Valer, 2011.

PAULINO, Itamar Rodrigues. *Entre a criação literária e o conhecimento:* aproximações epistemológicas e estéticas na obra de Hermann Broch e as três faces da degradação dos valores humanos. 2014. 165 f. Tese (Doutorado em Literatura) - Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

PINTO, Juliene Cristian Silva. O olhar francês sobre o Brasil do século XVI**.** *Veredas da História*, Salvador, ano VI, ed. 1, p. 54–67, 2013. ISSN 1982-4238. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/download/48694/26396. Acesso em: 13 ago. 2025.

POMPEU, André José Santos. A economia das drogas do sertão na Amazônia colonial (primeira metade do século XVIII) / The economy of spices and beverages in the backlands of the Amazon during the colonial period (first half of the eighteenth century). *História e Economia*, São Paulo, v. 27, p. 17–33, 2023.

POMPEU, André. Disputa pelo sertão colonial de uma Amazônia ibérica: o caso das drogas do sertão (séculos XVII e XVIII). *Fronteras de la Historia*, Bogotá, v. 29, n. 2, p. 92–117, jul./dez. 2024. Disponível em: SciELO. Acesso em: 11 ago. 2025.

RODRIGUES, Roberto Martins. *A Amazônia Paraense*. Belém: Karton, 1982.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas.* 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ROSÁRIO, José Ubiratan. Amazônia, processo civilizatório: apogeu do Grão-Pará. Belém: Universidade Federal do Pará, 1986.

ROSENFIELD, Kathrin Holzermayr. Reflexões em torno do Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa. *O Eixo e a Roda,* Belo Horizonte, v. 12, 2006. Disponível em: https://www.google.com/search?q=https://periodicos.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/27947. Acesso em: 01 ago. 2025.

SOUZA, Herculano Marcos Inglês de. *O Cacaulista.* Coleção Cenas da Vida do Amazonas. Belém: UFPA, 1973.